

PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM: UMA ANÁLISE SOBRE A DESMISTIFICAÇÃO DO DETERMINISMO FEMININO APRESENTADOS EM JOANA

Ivanilza Cinesio Gomes¹
Tainá de Moura Santos²

RESUMO

Não havendo possibilidade de representatividade feminina tanto em espaços sociais, externos ao lar, quanto na escrita sobre elas mesmas. Através de movimentos feministas, aos poucos, foi-se ganhando espaços e direitos, mas nesse primeiro momento não se encontrava nas obras de autoria feminina um empoderamento incisivo. Assim, optou-se por fazer uma análise sobre o comportamento e formas de pensamento de Joana, protagonista de *Perto do coração selvagem*, primeiro romance de Clarice Lispector. Considerando seu posicionamento enquanto dona de si, suas reflexões, o olhar sobre si mesma e sobre o mundo. Fez-se uma análise crítica do livro, prioritariamente no que tange a protagonista, estabelecendo comparações entre as diversas mulheres descritas na obra, considerando os papéis que cumprem perante a sociedade, seus comportamentos diante dos padrões impostos à figura feminina e pensamentos a respeito de comportamentos distintos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, por embasar-se em teóricos e trabalhos que estudam e esclarecem padrões e o enfrentamento das mulheres para com esses. Notou-se que Joana é uma mulher à frente de seu tempo, por desde pequena questionar quanto a seu futuro, e posteriormente a respeito da prisão que podem ser os relacionamentos, sobre seu casamento e diversos outros questionamentos que são atuais na realidade feminina. Joana representa uma distinção do que foi determinado por anos quando se fala de gênero, pois ela desmistifica a partir de seus atos, falas, pensamentos e questionamentos a determinação de submissão e fragilidade atreladas à figura feminina.

Palavras-chave: Determinismo Feminino, Empoderamento, Posicionamento.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, a mulher vem sendo alvo das mais diversas formas de silenciamento. Questões como o patriarcalismo, a não proporcionalidade entre os gêneros nos espaços de trabalho, nas artes ou em posições políticas importantes ainda se fazem presentes enquanto posicionamentos que minimizam, abafam e sufocam as vozes femininas, corroborando assim, mais uma vez, com a manutenção de uma postura violenta e opressora. No que tange à criação literária, por muitos anos o papel da mulher era a de personagem e leitora das obras, sem ter acesso enquanto protagonista nos

¹ Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, ivannilzacinesio@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, tainasantos159@gmail.com;

espaços literários. Embora estas mulheres também escrevessem, muitas tinham que usar pseudônimos masculinos para conseguirem publicar seus trabalhos. Amantine Dupin e Mary Ann Evans, que assinavam, respectivamente, como George Sand e George Eliot, atualmente consideradas as duas maiores romancistas europeias, são bons exemplos do cerceamento que as mulheres tinham nestes espaços.

No entanto, no decorrer destes mesmos séculos, especificamente no início século XX, depois de muita luta e com a conquista de direitos por meio dos movimentos feministas, amplamente difundidos no mundo, o cenário sofreu importantes modificações. Tais mudanças também proporcionaram importantes e significativas mudanças no cenário contemporâneo. Assim, com as publicações de escritoras como Cecília Meireles, Gilka Machado, Clarice Lispector, Orides Fontela, Hilda Hilst, Carolina Maria de Jesus e Adélia Prado, entre várias outras, a produção de autoria feminina no Brasil deu um grande salto em direção à posturas e ações mais progressistas, apesar de ainda estar longe de um patamar igualitário

Na década de 40, em terras brasileiras, havendo resquícios de um empoderamento tímido, aos 23 anos, em meio a uma ainda pequena abertura, Clarice Lispector escreve seu primeiro romance, sobre uma criança, que posteriormente viera a crescer e se tornar uma mulher dona de si, empoderada.

A motivação para esse estudo deu-se pelo fato do romance ter nascido em meio a esses fatos e, especialmente, pelo posicionamento da protagonista Joana, suas reflexões, o olhar sobre si mesma e sobre o mundo. Por retratar uma sociedade machista e incompreensiva a respeito de comportamentos diferentes do que fora imposto pelo patriarcado. A análise desse contexto em *Perto do coração selvagem* se faz essencial, uma vez que, mesmo de forma indireta, é estabelecida uma distinção entre Joana e as outras personagens femininas podendo, dessa forma, proporcionar uma leitura crítica da obra no que tange a figura feminina e as imposições patriarcais para com essas.

Dadas as considerações, a perspectiva metodológica que norteia nosso estudo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de procedimento bibliográfico. Procura-se, pois, fazer uma análise crítica do livro *Perto do coração selvagem*, objetivando, a partir desse estudo, adentrar à figura de Joana de forma que possamos pontuar o que a distingue das demais personagens; refletir como as personagens que tinham ações e pensamentos contrários aos de Joana viviam e o motivo para tais comportamentos e ideais; proporcionar uma reflexão a respeito do que é imposto pelo

sistema patriarcal a partir das personagens femininas tidas no livro; identificar a desmistificação do determinismo que fora imposto à mulher através da protagonista.

A obra narra partes da vida de uma menina que tem reflexões intensas sobre si e as coisas do mundo. Joana cresce órfã e passa a viver com os tios, que desde pequena enxergam como um ser estranho pelo fato dela não ter muitos pudores. Otávio a conhece em sua fase adulta, estando noivo de Lídia. Rompe o noivado e casa-se com a primeira. Sentindo-se “incompleto” ao lado de Joana, Otávio volta a ter um romance dessa vez de forma omitida com sua ex-noiva. Lídia fica grávida, e revelando à Joana, aos poucos a protagonista vai se distanciando de Otávio até o deixar completamente. Período em que Joana passa a se relacionar com outro. Quando Joana deixa Otávio é deixada também pelo Homem. Apesar de não conter na ficção momentos precisos entre a figura feminina e masculina que demonstre submissão vinda da primeira para com a segunda, o livro retrata disparidades e submissões de forma aceitável por parte de personagens femininas a partir de seus próprios pensamentos e afirmações.

É notável na leitura, mesmo que percorrida sem intuito de análise, a percepção da figura de Joana enquanto diferente das outras personagens descritas na obra, pois nos poucos momentos que são direcionados às demais nota-se um posicionamento de aceitação à submissão, não compreendendo, aceitando nem respeitando comportamentos distintos vindo de mulheres como Joana.

A partir da análise notou-se que a protagonista ultrapassa os limites que fora imposto à figura feminina desde pequena, através de pensamentos e questionamentos, fato que tem maior proporção com os anos e experiências. Possibilitando a conclusão de que há no livro uma crítica a respeito da forma como algumas mulheres influenciadas pelo patriarcado vivem, além de uma abertura visionária de um ser liberto nos mais diversos aspectos como Joana.

METODOLOGIA

O trabalho corresponde a uma análise do livro *Perto do coração selvagem* da escritora Clarice Lispector que fora publicado no ano de 1942. Tendo como foco principal a protagonista do romance, Joana, foram analisados os comportamentos e pensamentos das demais mulheres apresentadas na obra. Assim, foi estabelecida em nossa análise uma comparação entre as diversas mulheres que passaram repentina ou

lentamente na vida de Joana, considerando os papéis que cumpriam perante a sociedade, seus comportamentos diante dos padrões impostos à figura feminina e pensamentos a respeito de comportamentos distintos, como os de Joana.

Além do livro, nossas conclusões a respeito da análise foram embasadas nos pressupostos teóricos de autores como Simone de Beauvoir (1970) feminista do século XX que escreve a respeito da figura feminina. De acordo com Gil (2002, p. 44) “Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”. Caracterizando o presente trabalho de cunho bibliográfico, uma vez que nossa pesquisa propôs um estudos de escritos anteriormente feitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Por séculos a representatividade feminina em espaços sociais externos ao lar foi inexistente, o que foi considerado como um fato advindo também da aceitação da figura feminina. No entanto deve-se explicitar que a mulher esteve desde o início de sua existência imersa a um sistema patriarcal. Logo, fomos educadas a compreender submissões, anulação de direito entre outros fatos recorrentes à figura feminina como algo que nos fora determinado. Ante o exposto, Beauvoir (1964, p. 7) disserta que por sermos “Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino” propendemos a preservar um ciclo que tem como resultado casamento e submissão.

Agindo com pacificidade sob essa educação e comportamentos machistas existentes em toda sociedade, por séculos, esse sistema patriarcal prevaleceu. Isso não quer dizer que não havia mulheres que questionasse esse determinismo, no entanto era necessário mais que uma voz. Por tanto somente a partir de movimentos feministas sérios e coerentes, com o apoio de muitas mulheres desconstruiu-se parte desta desigualdade de gênero. Sobre essa questão Beauvoir (1970, p. 15) esclarece: “a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele”.

Assim, nota-se que havia e há até os dias atuais uma dificuldade para a reivindicação dos direitos femininos advindos não somente a partir da forma como fomos educadas, como também por causa da dependência financeira; por muitas não terem as condições necessárias para tentar uma vaga de emprego; sofrerem preconceitos

a respeito de suas aptidões; dependência emocional, por não termos sido educadas com a existência de um amor próprio e sim à espera de alguém - futuro marido, que deterá um amor que temos à dar; devido a falta de apoio por parte da família, grupo social que frequenta-se e principalmente de apoio por parte de outras mulheres. Todavia, Matos (2010, p. 85) afirma que o “feminismo popular trouxe, como consequência fundamental, um pouco da diluição das barreiras e resistências ideológicas em relação ao feminismo”.

Adentrando ao viés da escrita, é possível notar um imenso empenho por parte de escritoras feministas, uma vez que suas escritas trazem implícita ou explicitamente uma valorosa denúncia quanto ao sistema patriarcal. Não é diferente nas diversas obras de Clarice Lispector, especialmente a que se debruça esse estudo. A respeito de sua escrita, Marcos (2016, p. 136) afirma que “Clarice esteve em seu tempo [...] e, muitas vezes, se projetou para bem à frente dele. Não saiu do seu lugar de mulher, problematizou em sua literatura o feminino e o masculino”. A exemplo de sua problematização e transição entre contemporaneidade e futuro, temos Joana. Personagem que desenvolve autonomia e reflexões quanto a vida e o mundo desde menina. Trazendo críticas sobre determinados comportamentos femininos e expondo a liberdade da “diferente” personagem. Sobre a protagonista Marcos (2016, p. 136) contribui afirmando que “Joana, a personagem central da obra, é um desenho audacioso e livre de mulher para os tempos em que o livro foi publicado”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que fascinava e amedrontava em Joana era exatamente a liberdade em que ela vivia

(LISPECTOR, 1998)

Uma forma representativa para iniciar a análise no que diz respeito ao objeto de pesquisa, é a epígrafe que inicia este capítulo. Nela, temos representados os principais pontos aqui estudados. Joana, no trecho, descrita enquanto ser liberto e sua liberdade como sinônimo de medo, simbolizando a forma como a sociedade se comportava e por vezes se mantém diante de mulheres livres.

Para abrir a discussão podemos fazer questionamentos como: O que há de diferente em Joana? Qual papel a protagonista ocupa em meio a uma (r)evolução

feminina? Joana mostra desde a infância que há algo que a distingue das mulheres de sua época, ainda muito jovem lhe vêm questionamentos a respeito de seu futuro, sua vida. Ela se mostra, ainda que cheia de dúvidas, uma mulher empoderada que quer viver para além dos limites que a rodeia. Desde muito pequena Joana tem uma imaginação muito criativa. Assim como toda criança, criava situações e histórias em sua cabeça, mas ela, particularmente, “Sempre arranjava um jeito de se colocar no papel principal” (LISPECTOR, 1980, p. 6).

Na juventude, Joana, bem como as pessoas a seu redor, acreditava que ela nascera para ser mal. Considerava-se, assim como por vezes na atualidade, que pessoas do sexo feminino, que não aceitam os fatos que lhes são determinados ante o patriarcado e mostram independência especialmente emocional, são mulheres sem amor, ruins. Diante de críticas a própria mulher que se impõe enquanto dona de si passa a pensar de tal forma, assim como aconteceu com a protagonista “A CERTEZA DE QUE dou para o mal” (LISPECTOR, 1980, p. 8). No tocante Beauvoir (1964, p. 452), explicita que “à mulher, para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é, que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano”. Dessa forma, Joana aceitava e até acreditava que era mal, mas sentia-se bem com tal maldade.

Joana perdeu o pai muito cedo e sequer conheceu a mãe, sob a tutela da tia após a morte do pai, mostrou sua independência desde o referido momento, a superou sozinha, sem necessitar ou buscar amparo em alguém.

A respeito da tia pode-se dizer que sua representação no livro refere-se ao tipo conservador e padrão de mulher, uma vez que essa não entende ou ao menos respeita os comportamentos da sobrinha. Seu estilo é percebido em: “Deus a conserve para o seu marido” (LISPECTOR, 1980, p. 33). Nota-se na frase que ela, bem como parte da sociedade, acredita que o futuro determinado para as mulheres é necessária e excepcionalmente, o casamento. As demais expressões que a denotam nesse perfil são: “Eu posso tudo, me disse ela [...] como se não precisasse de ninguém... E quando olha é bem nos olhos, pisando a gente” (LISPECTOR, 1980, p. 33); entende-se que nasce um diferencial pelo fato de Joana ter ações que demonstram sua independência e liberdade, coisa que não é tão aceita por pessoas que têm o pensamento conservador. Chega-se a esse resultado também a partir do excerto: “É uma víbora fria [...] É um bicho estranho, Alberto, sem amigos e sem Deus” (LISPECTOR, 1980, p. 34).

Ciente da forma como pensavam dela, estando somente consigo mesma no orfanato, ainda na adolescência, pensava: “Estou cada vez mais viva, soube Vagamente. Começou a correr. Estava subitamente mais livre [...] Agora sou uma víbora sozinha” (LISPECTOR, 1980, p. 43). Sentindo-se livre, sem medo do que poderia vir a acontecer, Joana mostra-se uma pessoa satisfeita e feliz com sua realidade.

Entre as mulheres que passaram pela infância e adolescência de Joana, há a esposa de seu professor. A respeito de seu comportamento, notou-se apenas que sentia um pouco de ciúme de alunas do professor, contudo, não demonstrou nos momentos em que lhe foi dedicado na narrativa um embate com elas, pelo contrário, ela demonstra empatia, vista especialmente no trecho, “E em seguida levantou a cabeça, os olhos claros e calmos na vitória, talvez com um pouco de simpatia” (LISPECTOR, 1980, p. 41).

A exemplo de como a mulher que tem uma vida e/ou comportamentos de autonomia e altivez era/é vista pela sociedade, tem-se o comentário do pai de Joana sobre Elza, mãe da protagonista, “cheia de poder. Tão rápida e áspera nas conclusões, tão independente e amarga que da primeira vez em que falamos chamei-a de bruta” (LISPECTOR, 1980, p. 15). Por ser independente e ter percepções diferentes Elza era considerada bruta. Também definida como alguém que não tem amor pelas pessoas, que sentia-se superior. Sobre esse aspecto, Beauvoir (1964, p. 452) afirma que “O fato de ser uma mulher coloca hoje problemas singulares perante um ser humano autônomo”.

Outrossim, tem-se a indagação do pai de Joana quanto a reação de sua família: “Imagine então a impressão causada na minha pobre e escassa família [...] foi como se eu tivesse trazido o micróbio da varíola, um herege” (LISPECTOR, 1980, p. 16). Sobre isso podemos referir-nos ao padrão de namorada e esposa esperado por famílias conservadoras não apenas nos anos 40, mas que permanece em alguns casos atualmente.

Parecendo-se com a mãe, Joana passa a dar indícios não somente de sua independência, mas de sua liberdade, “odiar-se-ia mais se já fosse um tronco imutável até a morte, apenas capaz de dar frutos mas não de crescer dentro de si mesma. Desejava [...] renascer sempre, cortar tudo o que aprendera, o que vira, e inaugurar-se num terreno novo” (LISPECTOR, 1980, p. 58). Diferentemente, Lídia - ex-noiva do esposo de Joana, “Procurava [...] tomar uma atitude de independência, o que só realizava com um pouco de sucesso pela manhã [...] Bastava sua presença, apenas pressentida, para toda ela anular-se” (LISPECTOR, 1980, p. 65-66), assim, submetia-se

ao outro, na figura de Otávio. Sempre se anulando, aceitando sua vida da forma como o outro desejava. Sem voz, sem poder ser ela mesma.

No excerto: “quando ele a feria, ela se refugiava nele contra ele. Ela era tão fraca. Em vez de sofrer ao reconhecer sua fraqueza, alegrava-se” (LISPECTOR, 1980, p. 65) Observa-se que Lídia sente uma paixão exacerbada por Otávio devido a uma possível falta de amor próprio. Lídia sentia não somente amor, mas uma dependência dele. A maior expressão de submissão encontrada sobre Lídia é em: “Resignou-se pois. A resignação era doce e fresca. Nascera para ela” (LISPECTOR, 1980, p. 66).

Desde o momento em que Otávio conhece a protagonista, nota-se que havia nela algo singular. Aspecto notável nos trechos: “Fala com uma justeza de termos que horroriza [...] sentindo-se repentinamente inútil” (LISPECTOR, 1980, p. 67); “tolamente ele agia, falava, confuso e apressado em obedecer-lhe” (LISPECTOR, 1980, p. 68); é visível aqui uma estrita distinção quanto a seu comportamento com Lídia. Que submetendo-se, não tem espaço para falar, Joana, por outro lado tem total liberdade.

Como outros seres humanos, Joana também amou, mas esse amor não a fez amar-se menos ou ter uma necessidade da pessoa amada, longe disso, “ela desejava achar-se mais” (LISPECTOR, 1980, p. 75). Em uma forma de amor no qual se amava ainda mais, Joana passava a ter mais conhecimento de si. No entanto, casada, a personagem passa a ter medo de tal sentimento, “Agora tinha todo o seu tempo entregue a ele e os minutos que eram seus ela os sentia concedidos, partidos em pequenos cubos de gelo que devia engolir rapidamente, antes que se derretessem” (LISPECTOR, 1980, p. 80). Assim, vê-se que Joana passou a enxergar esse amor como algo que a limitava.

Diferente das mulheres, casadas ou em um simples relacionamento da época, Joana procurava ter-se sempre como prioridade, assim “concentrava-se em si mesma” (LISPECTOR, 1980, p. 9). Ao percorrer por momentos entre a protagonista e seu companheiro há um enquadramento do sistema patriarcal e também de uma forma de relacionamento tóxico vindo de Otávio e reflexões a respeito disso por meio de Joana. Essas percepções são possíveis nas seguintes citações: “Otávio transformava-a em alguma coisa que não era ela mas ele mesmo” (LISPECTOR, 1980, p. 19). Otávio, em outras palavras, não aceitava a singularidade de Joana, passava a tentar moldá-la da forma que lhe era conveniente; “como ligar-se a um homem senão permitindo que ele a aprisione? [...] E havia um meio de ter as coisas sem que as coisas a possuíssem?” (LISPECTOR, 1980, p. 19). Educada por pessoas que a fizeram acreditar em uma

relação de casais em que a submissão é obrigatória, Joana se perguntava quanto a essas questões. Mas, nota-se que essas perguntas não são uma forma de aceitação e sim questionamentos críticos a respeito dessa forma de relacionamento.

As diferenças entre a protagonista e Lídia, notadas a partir da percepção de Otávio, é que na figura da segunda Otávio encontrava seu porto seguro, Lídia era “O conforto da Ordem” (LISPECTOR, 1980, p. 92), por outro lado “quanto junto de Joana, por exemplo, calava-se” (LISPECTOR, 1980, p. 93). Otávio, assim, não agia nem se sentia de forma igual com as duas, não por se tratar da amante, e da esposa e sim por haver entre as duas uma distinção de personalidade.

O amor de Lídia por Otávio não é um sentimento saudável, visto que ela se anula perante a ele e não tem uma perspectiva de vida para além da vida ao seu lado. Lídia crê que se ele “fosse embora, se amasse outra mulher, iria embora e amaria outra mulher para participar-lhe depois” (LISPECTOR, 1980, p. 95). Assim é visível que seu amor pelo personagem não mede limites, conformando-se em ser segunda opção. Sobre esse aspecto Beauvoir (1964, p. 165) esclarece que “O DESTINO que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo”. Lídia, bem como um grande número de mulheres, limita seu destino a casar-se com Otávio, seu desejo é visto em: “seriam uma pequena família. [...] Era isso o que desejava. Como um bom fim para toda a sua história” (LISPECTOR, 1980, p. 96); distinguindo-se, Joana sequer pensava em casar-se. Tinha em sua mente que “ter sempre uma pessoa ao lado [...] não estar consigo mesma nunca, nunca. E ser uma mulher casada, quer dizer, uma pessoa com destino traçado. Daí em diante é só esperar pela morte” (LISPECTOR, 1980, p. 112).

Lídia, educada para casar-se, desejava ter uma família e para ela ser sua serva, o que é observado em “Havia de cuidar da criança e de Otávio, ora se havia” (LISPECTOR, 1980, p. 97), já Joana, além de não fantasiar o casamento enxergava a figura de um filho de forma diferente “meu filho crescerá de minha força e me esmagará com sua vida [...] eu serei a velha mãe inútil” (LISPECTOR, 1980, p. 118). Enquanto Lídia não mede esforços para “tirar Otávio de outra mulher” (LISPECTOR, 1980, p. 115), Joana não se importa em devolvê-lo à outra dizendo: “Fique com Otávio. Tenha seu filho, seja feliz e me deixe em paz” (LISPECTOR, 1980, p. 113-114).

Não conseguindo encaixar-se a forma como vivia Joana, Otávio passou a enxergá-la de forma diferente “Vivo com uma mulher nua e fria” (LISPECTOR, 1980,

p. 89). Otávio a via assim, não por Joana ser uma pessoa ruim ou sem amor, mas por sua fuga do padrão. Beauvoir (1964, p. 364) disserta que “O quinhão da mulher é a obediência e o respeito”. Por Joana não se encaixar a padrões, seu esposo “não a sentia como mulher e sua qualidade de homem tornava-se inútil” (LISPECTOR, 1980, p. 139).

A última figura feminina apresentada na obra e aqui analisada é a mulher que abrigava o Homem que passara a se encontrar com Joana. Sobre ela, podemos fazer uma comparação ao comportamento de Lídia, ao aceitar estar com Otávio enquanto esse estava com Joana. A mulher fora em algum dia amante desse Homem, apaixonando-se por ele a ponto de aceitar seus encontros com Joana, dividindo-o. Ao passo que Joana, sem os homens, não se viu sozinha, pelo contrário, assim como outros acontecimentos de sua vida, suportara. Sua força é demonstrada no trecho: “Que palavra poderia exprimir que naquele tempo alguma coisa não se condensara e vivia mais livre?” (LISPECTOR, 1980, p. 146).

Ao fim do livro Joana reflete: “sou só no mundo, quem me quer não me conhece, quem me conhece me teme” (LISPECTOR, 1980, p. 152). No entanto, é notável que não há tristeza ou arrependimento em suas palavras. A protagonista aceita sua singularidade e não largaria sua liberdade por algo que a aprisione.

A vida de Joana é marcada por diversos momentos entre eles a morte do pai, a traição de Otávio e a partida do Homem, no entanto, nenhuma delas a atingiu de forma que não conseguiu suportar. Joana foi forte e verdadeira em afirmar “No momento em que fecho a porta atrás de mim, instantaneamente me desprendo das coisas” (LISPECTOR, 1980, p. 50). Por vezes sentiu que havia necessidade da figura masculina na vida da mulher, questionando: “Não é triste viver sem um homem na casa?” (LISPECTOR, 1980, p. 54), agora amadurecera mais e vira que não.

Exceto Joana e Elza, todas as mulheres aqui analisadas viviam de forma subordinada, contudo, esse aspecto torna-se mais perceptível na figura da tia de Joana e de Lídia, vivendo como é descrito por Beauvoir (1970, p. 13) “Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat [...] pela condição social a certos homens — pai ou marido — mais estreitamente do que as outras mulheres”. O que implica em uma falta de sororidade, possível inexistência de reflexão quanto ao sistema patriarcal ao qual estão imersas e aceitação de forma que não toleram comportamentos distintos.

Não encontra-se por parte de Joana, uma reivindicação de direitos, igualdade ou algo similar, porém, seu empoderamento é notado ainda assim, uma vez que aceita com

grande entendimento sua solitude, não demonstra necessidade de nenhum homem, ou de cuidados e/ou sentimentos de alguém, não se importa com a forma como as pessoas a enxergam entre outros fatos. Também não há nada que denote independência econômica, não é citada nenhuma forma de renda ou trabalho desenvolvido por ela, mas ainda assim percebe-se uma independência em todos os aspectos, mas como definido por Beauvoir (1964, p.451) “A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem”.

A exemplo de como a mulher vivia na sociedade, há uma crítica na obra que muito define seu papel, bem como o do homem: “Sua tia brincava com uma casa, uma cozinheira, um marido, uma filha casada, visitas. O tio brincava com trabalho, com uma fazenda, com jogo de xadrez, com jornais” (LISPECTOR, 1980, p. 44-45). A mulher tendo como função cuidar do lar, dos filhos, esposo e entreter-se com visitas e o homem enquanto dominante de conhecimento e de um meio que sustenta a família, não seria uma realidade existente apenas na vida de seus tios como de toda a sociedade conservadora e machista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, pode ser dito que Joana é uma mulher à frente de seu tempo, considerando que a personagem se mostra com um grau de empoderamento desde pequena, o que assusta as pessoas a seu redor. Ainda criança, Joana tem o hábito de questionar, questionamentos esses referentes ao seu futuro e, posteriormente, a respeito da prisão que podem ser os relacionamentos, além de diversos outros questionamentos que são atuais na realidade feminina. Assim, segundo Baquero (2012, p. 176), Joana poderia se caracterizar, então, como um indivíduo empoderado:

O empoderamento individual se refere ao nível psicológico de análise. No nível individual, empoderamento refere-se à habilidade das pessoas de ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais [...] Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas.

Através deste estudo, tornou-se notável que a figura de Joana representa uma distinção do que foi determinado por anos quando se fala em gênero, uma vez que ela desmistifica a partir de seus atos, falas, pensamentos e questionamentos, a determinação de submissão e fragilidade atreladas à figura feminina. Joana, diferente de sua tia, de Lídia, da esposa do professor e da mulher que abrigava o Homem, apesar de amar, não

tornou-se subalterna de seu sentimento. Mesmo estando sozinha, não sentiu necessidade de companhia; ciente da forma como as pessoas pensavam dela, não se preocupou ou mudou quanto a isso.

Notou-se, ainda, que apesar da obra ter um caráter estilístico mais ligado à características literárias como fluxo de consciência, ela trás, a partir da protagonista e das diversas mulheres descritas no livro, uma proposta de distinção comportamental entre as mulheres. Por um lado, estão mulheres como Joana, que não aceitam submeter-se aos limites que lhes são impostos, que almejam a liberdade. Do outro lado, mulheres como sua tia e as demais que não enxergam algo para além de suas realidades, julgando comportamentos de mulheres empoderadas como algo incorreto. Lídia em especial, se submete a possibilidade de ter Otávio a partir do nascimento da criança, no entanto, como descrito por Beauvoir (1970, p. 13) “A necessidade biológica — desejo sexual e desejo de posteridade — que coloca o macho sob a dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher”.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. **Empoderamento**: instrumento de emancipação social? - uma discussão conceitual. Revista Debates, Porto Alegre, vol. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Trad. Sérgio Miliet. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Trad. Sérgio Miliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Editora Nova Fronteira 9ª Edição - 1980

MATOS, Marlise. **Movimento e teoria feminista**: É possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, vol. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010.

MARCOS, Marlon. Intrigações do feminino na literatura de Clarice Lispector. In: **Memória feminina**: mulheres na história, história de mulheres. (Org) Maria Elisabete Arruda de Assis; Taís Valente dos Santos. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016, 133-139